

RESENHA

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

Jhon Cleber Moraes da Silva

Universidade do Estado do Pará, Graduação em Licenciatura Plena em Geografia,
Castanhal, Brasil

jhonmoraes.geo@gmail.com

A obra do Geógrafo Milton Santos intitulada “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, é dividida em seis partes, essas, nas qual o próprio autor diz ser fruto de uma reflexão independente, sobre o tempo, trazendo reflexões calcadas em seus fundamentos materiais e políticos na tentativa de explanar os problemas do mundo atual. O intuito central do livro é analisar a função da ideologia na elaboração, disseminação, reprodução e aperfeiçoamento da globalização atual.

Na primeira parte do seu livro o autor faz a seguinte afirmação, “Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido” (p. 17). Essa oração é passível de reflexão, pois, no mundo contemporâneo estamos envoltos do fortalecimento da ciência e o aprimoramento das técnicas. Em contrapartida, estamos diante da imposição a aceleração e as vertigens que essa gera. Fatores esses de um mundo físico, engendrado pelo homem, permitindo assim que este mundo se torne um paradoxo, confuso e confusamente percebido.

Segundo o autor, se haver a insistência na admissão que esse mundo é verdadeiro, fica necessário considerar a existência de três mundos em um só. O primeiro, seria o mundo como nos fazem vê-lo, aquele que a máquina ideológica coloca como verdade, ou seja, o mundo como fábula. O segundo, seria o mundo como ele é, isto para maior parte da humanidade, na qual a globalização se apresenta de maneira perversa. O terceiro, é como ele pode ser, é pensar em uma outra forma de globalizar, uma globalização mais humana.

Na segunda parte, o autor enfatiza que de certa forma a globalização é o apogeu do desenvolvimento de internacionalização do modelo capitalista. E para haver a compressão deste processo em qualquer período da história, é necessário que se leve em consideração dois elementos essenciais: o estado das técnicas e o estado da política, nos quais ambos sem complementam. As técnicas da informação que foram criadas no século XX, exerceram um

papel de vinculação com as preexistentes, gerando um caráter planetário ao novo sistema de técnicas. Porém, a globalização vai além desse novo modelo de técnicas, ela deriva das ações que possibilitam o surgimento de um mercado dito global que é ligado aos processos políticos atualmente eficazes. De acordo autor, alguns fatores possibilitam a compreensão da atual globalização, esses que propiciam esse modelo perverso do mercado.

O primeiro fator é a unicidade da técnica, cabe salientar que as técnicas possuem progressos contínuos, assim como a história. As técnicas são plurais, sempre se estalam em grupos, nesse sentido, nunca se apresentam de forma isolada. Quando surgem novas técnicas, as anteriores não desaparecem, mas esse novo conjunto de instrumentos passam a ser usados pelos novos atores hegemônicos, em contrapartida, aqueles que não são hegemônicos continuam usando o conjunto anterior e menos poderoso para o mercado.

O segundo fator, é a convergência dos momentos, também denominada unicidade do tempo, que deve ser analisada além da compreensão que, em diversos lugares a hora do relógio é a mesma. O modelo atual induz as empresas globais a revolucionarem seu modo de produção, permitido que essas funcionem em diversos lugares o dia inteiro, ocorrendo assim uma confluência dos momentos. Com essa transformação, houve a possibilidade de ter conhecimento do que acontece em outros lugares, coisa nunca vista anteriormente, porém, a informação instantânea e globalizada não se faz presente para todas as pessoas ou lugares, pois essas, são intermediadas pelas grandes impressas de comunicação, desse modo, nem todos tem esse acesso.

O terceiro fator, é o motor único, ou seja, um sistema unificado de técnicas que permitem ações em níveis globais. Durante o imperialismo, existiam diversos motores como: o motor francês, o motor inglês, o motor alemão entre outros. Hoje haveria a existência de apenas um motor, a mais-valia universal, pois agora a produção é feita em escala mundial, por ação de empresas mundiais (multinacionais/transnacionais) que se enfrentam, de maneira nunca vista.

O quarto fator é a cognoscibilidade do planeta, a ciência impulsionou progressos nas técnicas, ou seja, a possibilidade de conhecer o planeta de forma mais aprofundada. Agora teremos em mãos não só elementos que eram encontrados em natura no ambiente, pode-se pegar estes e transformá-los em objetos “humanizados”. Vale salientar também o papel dos lugares, cada localização possui valorização distinta, pois não é qualquer lugar que interessa as firmas, essas que buscam a mais-valia desejada.

Na terceira parte do livro, o autor enfatizar a questão da globalização como perversa, considerando a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e da informação. Estes que

fortalecem a base do sistema ideológico e buscam influenciar os hábitos, crenças, relações sociais e interpessoais dos seres. Um fator alarmante do sistema ideológico atual é o papel tirano da informação, que é transmitida para a maioria da população de maneira manipulada, se apresentando assim, como ideologias, que mais atrapalham no entendimento dos contextos do que ajudam. São criadas várias fabulações para serem vistas de forma positiva pela sociedade, como a ideia de aldeia global, espaço tempo contraído, humanidade desterritorializada e até de uma cidadania universal.

As técnicas apresentam-se para o homem como fatores imprescindíveis, tudo parecer ter dependência direta delas, sendo de certa forma uma necessidade universal. Na atual fase da globalização o uso destas, sofreu uma significativa mudança. Passaram de uso imperialista, que não deixava de se desigual de acordo com os lugares à uma presença de forma mais efetiva das mesmas em grande deles. Os sistemas empresariais e governamentais fazem desse sistema técnico, suporte para se alicerçar e disseminar a globalização, gerando assim, relações econômicas tirânicas com a humanidade.

De acordo com o autor, a competitividade modela a forma de ação dos seres e o consumo comanda a inação dos mesmos. A concorrência da atualidade se diferencia da forma anterior, pois essa contemporânea vem eliminando as formas de compaixão e solidariedade, para que sempre se vença, seja como for, para mostrar superioridade e “marcar território”. O consumo se diferenciou ao longo dos anos também, a produção do consumidor atualmente, precede a criação do produto, ou seja, primeiro as empresas organizam o consumo para que depois organizem a produção de fato. Característica essa, gerada pela atual ideologia de mercado que tem na publicidade uma arma instigadora para o consumo. Nas palavras do autor, o modelo de globalização atual se mostra como um período de interseção dos processos de evolução social e moral que vinham ocorrendo com o passar dos anos. O atual modelo se mostra de forma perversa matando a solidariedade e moralidade, dando força a individualidade, impondo regras de agir e consumir. O papel da ciência muda, passando a satisfazer o mercado e não aos interesses da humanidade, tendo dessa forma um progresso técnico científico imoral.

Na quarta parte de sua obra o autor irá trazer a seguinte temática “o território do dinheiro e da fragmentação”, enfatizando que no mundo globalizado houveram inúmeras transformações no espaço geográfico, ressaltando que a importância dos espaços para o referido modelo está intimamente relacionada a sua localização. O espaço geográfico sempre foi alvo de uma compartimentação e com o passar dos anos, essa foi se tornando cada vez mais presente e forte. Santos afirma que com a globalização atual a totalidade da terra é

compartimentada, pela ação direta do homem ou por suas ações políticas. O território vai muito além de um conjunto de sistemas naturais, este é composto também por ações antrópicas, carregando consigo um valor sentimental, pois faz parte de uma identidade um sentimento de pertencer a ele. A forma como o território é usado se reflete nas manifestações sociais presentes dentro do mesmo. O território no modelo de globalização atual, tende a se fragmentar cada vez mais, formando assim novos espaços, gerando um confronto direto entre sociedade e meio, em nome do progresso.

A quinta parte do livro intitulada “limites a uma globalização perversa” aborda novamente a questão das técnicas, que foram revolucionadas com esse processo de globalização. A ideologia inicialmente dizia ter o intuito de melhoramento para a humanidade, porém, esse discurso não foi levado a frente, pois o que se viu foi o aumento da escassez. Hoje os objetos e ações humanas derivam das técnicas, estas se disseminaram por toda parte, estão presentes na produção, no território, na circulação, na cultura, na política entre outros.

O autor argumenta que a situação contemporânea apresenta três tendências: uma produção acelerada e artificial de necessidades, ou seja, uma produção em larga escala na qual os indivíduos são impulsionados a comprar sem que haja a real necessidade. Uma incorporação limitada de modos de vida ditos racionais, isto é, para o sistema atual, existe uma forma certa de agir, pensar, falar, que são as formas que ele mesmo introduziu nos seres. E por fim uma produção ilimitada de carência e escassez, pois na medida que as grandes empresas produzem e ganham em larga escala, ocorre o oposto com grande parcela da população, a miséria cresce criando os “possuidores” e os “não possuidores”.

A sexta e última parte vem nomeada como “A transição em marcha”. As novas características que o novo sistema trouxe, pode estar passando despercebida para alguns, principalmente os mais novos. Pois, as sementes desse, foram se colocando gradativamente no sistema anterior, o mais “velho”, e por esse motivo pode ser passar despercebido de certo modo. A globalização se mostra influente em todos os aspectos da vida, da econômica à subjetividade do ser. Os indivíduos não são atingidos de maneira hegemônica. De acordo com o autor, a globalização acaba por agravar as heterogeneidades, dando a essas um caráter mais estrutural.

A tentativa de adentrar na grande maioria dos espaços, faz com que haja a rivalidade entre a cultura de massas com a cultura popular, pois a primeira ameaça homogeneizar a última. A cultura popular é criada por uma economia, um discurso, uma política territorializada. Sendo composta por símbolos, músicas e fala. A de massas seria aquela

proposta pelo mercado, com o objetivo essencialmente comercial, ou seja, de gerar produtos para o consumo. Para Santos, não é impossível reverter o modo como a globalização está se dando hoje, porém, para que isso ocorra é necessária uma mudança radical, na forma de ação do modelo atual. As importâncias teriam que ser revistas, a humanidade precisaria ser posta em primeiro lugar em detrimento do dinheiro. Fazendo com que as ações científicas, técnicas dentre outras, visassem primeiramente a sociedade e não aos interesses econômicos.

Com a conclusão da obra, podemos analisar que a globalização por si, já é um fator que faz emergir algumas reflexões. O que é realmente um mundo globalizado? Seria a integração entre os povos que formam a intrigante teia de cultura ao qual estamos inseridos? Seria a ação de fazer com que várias nações tivessem as suas fronteiras transitáveis? Ou seria essa que temos, a globalização como perversidade, estrutural e ideológica?

É notável que ao analisar de modo mais acurado, não é exagero dizer que a globalização voltada apenas nos interesses hegemônicos é perversa e massacrante. Por outro lado, como é notado no livro, as mesmas bases em que a globalização perversa foi fundada, seria a que daria alicerce para uma globalização humana e respeitosa, pautada na centralidade do homem, e não do capital. É necessário que o homem consiga se achar em meio ao amor avassalador que os produtos capitais geram na humanidade, é necessário que o “status” de ser humano não seja capitalizado como se fosse um mero produto composto por uma pirâmide social. Na obra temos uma mensagem final: a globalização perversa pode ser reversível, então, não é uma mera utopia, e sim algo tangível, que só será possível quando o homem se reconhecer humano, e social. Quando as forças do coletivo acordarem, e enfim se crie o novo nascido do velho mundo desigual.